

EGRESSOS DA GRADUAÇÃO

ENGENHARIA CIVIL

Avaliação



Comissão Própria de Avaliação



2006 - 2010



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO – CPA**

**RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE
ENGENHARIA CIVIL**

**PONTA GROSSA
2011**

*A*valiação

é um fenômeno que permite a revelação de todas as nossas concepções. Mais que um processo de natureza técnica e asséptica, é uma atividade imbuída de dimensões pedagógicas, políticas e morais. Pelo modo como se pratica a avaliação, poderíamos chegar às concepções do profissional que a empreende a respeito da sociedade, das instituições de ensino, da aprendizagem e da comunicação interpessoal.

Miguel Angel Santos Guerra (2007)

REITORIA

Reitor

João Carlos Gomes

Vice-reitor

Carlos Luciano Sant'Ana Vargas

PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO

Altair Justino

COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO

Mary Ângela Teixeira Brandalise

Clícia Bühner Martins

Cláudio Puríssimo

Constantino Ribeiro de Oliveira Junior

Diva Brecailo Abib

Esméria de Lourdes Savelli

Jeremias Borges da Silva

José Trobia

Josiane Cristine Bachmann Madalozzo

Luciane Tessaroli Dezont

Sandra Cogo

Vanessa Sabóia Zappia

Adriano Augusto Pantaleão

Giane Correia Silva

Nicolý Talita Hrycyna Belo

COORDENADOR DE CURSO

Nelson Luiz Madalozzo

MEMBROS DO COLEGIADO

Edilson Sebastião Roth Batista

Alceu Gomes de Andrade Filho

José Adelino Krüger

Giovana Katie Wiecheteck

Luiz Antonio Krelling

Oscar Herberto Fürstenberger

Carmen Lúcia Valgas

Gerson Kniphoff da Cruz

Luiz Carlos Godoy

Acyllino Luiz Chemin

SUMÁRIO

1 Apresentação	6
2 Avaliação dos egressos do Curso de Engenharia Civil	7
2.1 Perfil do Egresso	7
2.1.1 Gênero/Sexo.....	7
2.1.2 Idade.....	8
2.1.3 Ano de conclusão egressos.....	9
2.1.4 Cidade de residência atual	10
2.2 Formação na graduação	11
2.2.1 Atendimento às expectativas iniciais em relação ao curso	12
2.2.2 Aplicabilidade da formação recebida na vida profissional	12
2.2.3 Dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho.....	18
2.2.4 Sugestão à organização curricular do curso.....	19
2.3 Atuação Profissional	25
2.3.1 Relação área de graduação X área profissional	26
2.3.2 Tipo de exercício profissional	26
2.3.3 Tipo de atuação profissional	27
2.3.4 Tempo entre a conclusão do curso e o primeiro trabalho.....	28
2.4 Qualificação Pós-Graduação	32
2.4.1 Especialização.....	32
2.4.2 Mestrado.....	34
2.4.3 Doutorado.....	34
3 Considerações Finais	35
3.1 Colegiado de Curso	35
3.2 Comissão Própria de Avaliação	36
3.2.1 Parecer da Comissão Própria de Avaliação	36
4 Referências	38

1 Apresentação

A avaliação dos cursos de graduação das instituições de ensino superior atualmente é uma das exigências do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - Sinaes. A avaliação externa, desencadeada nacionalmente através do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – Enade e da Avaliação de Cursos, busca averiguar a qualidade dos cursos de graduação agregando as notas dos estudantes e os insumos da instituição quanto à infraestrutura, aspectos pedagógicos e administrativos, matrículas, regime de trabalho docente, conceitos de curso, entre outros.

Paralelamente à avaliação externa cabe a cada Instituição de ensino superior desencadear os processos de avaliação interna e, é nessa perspectiva que se insere a avaliação dos cursos de graduação realizada pelos egressos do período 2006-2010, desenvolvida na UEPG no primeiro semestre de 2011.

O processo avaliativo foi desenvolvido pela Comissão Própria da Avaliação, em parceria com os coordenadores de curso de graduação, desde a fase de concepção da avaliação, da definição das dimensões a serem avaliadas, da elaboração coletiva do instrumento, da criação do sistema informatizado, da sensibilização e mobilização dos egressos, da participação dos egressos até a fase de organização, análise e divulgação dos resultados.

O instrumento avaliativo construído coletivamente foi composto de 12 questões, sendo 6 (seis) fechadas, 4 (quatro) abertas e 2 (duas) semi-abertas. Os dados oriundos das respostas dadas às questões pelos egressos dos cursos de graduação da UEPG, participantes da pesquisa, foram agrupados nas seguintes categorias ou dimensões neste relatório: a) perfil do egresso; b) formação na graduação; c) atuação profissional e d) qualificação na pós-graduação.

O processo avaliativo realizado envolveu todos os cursos de graduação da UEPG. Dos 6.575 egressos aptos 1.281 responderam todo o questionário, constituindo uma amostra significativa de 19,48%. O desenvolvimento da avaliação dos cursos de graduação na perspectiva dos egressos possibilitou a identificação das potencialidades e fragilidades da formação recebida, a trajetória profissional e a continuidade da qualificação em nível de pós-graduação após a conclusão do curso.

Neste relatório a Comissão Própria de Avaliação registra os resultados da percepção de egressos do curso de **Engenharia Civil**, na modalidade presencial da UEPG. Espera-se que apesar das limitações inerentes a todo processo avaliativo, a análise dos dados aqui apresentada contribuam para uma reflexão crítica da qualidade acadêmica e, ao mesmo tempo, possibilitem o (re)pensar contínuo das ações dos gestores institucionais.

Mary Ângela Teixeira Brandalise
Presidente da Comissão Própria de Avaliação

2 Avaliação dos egressos do Curso de Engenharia Civil

De um total de 174 egressos do Curso de Engenharia Civil entre os anos de 2006 e 2010, 75 responderam à avaliação, perfazendo 43,10%. Este percentual valida a sondagem, uma vez que está bem acima dos 25%, valor mínimo para que a amostragem seja significativa.

Como o atual Projeto Didático Pedagógico do Curso (currículo 7) está vigorando desde 2005, egressos anteriores a 2009 cursaram o currículo anterior (6). Desta forma, algumas observações e sugestões já foram atendidas pela implantação do currículo 7.

O questionário *online* abrangeu questões que variaram de dados pessoais, como idade e local de residência, perguntas sobre expectativa em relação ao Curso e avaliação da formação recebida, sobre pós-graduação e área de atuação na profissão, questões sobre tempo decorrido para obter o primeiro emprego, dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho em relação à formação recebida. Por fim, o questionário solicitou sugestões à organização curricular do curso para melhor preparação à inserção profissional.

Os resultados quantitativos foram apresentados em forma de tabelas e gráficos.

As respostas às questões abertas, em que foram solicitadas justificativas e sugestões, foram transcritas segundo a metodologia do discurso do sujeito coletivo. Os dados referentes a disciplinas e docentes que tiveram seus nomes suprimidos nessa metodologia foram analisados e discutidos internamente no Colegiado de Curso.

As demais análises estão expressas logo no início de cada item abordado.

2.1 Perfil do Egresso

A profissão de Engenheiro Civil era, até há alguns anos, eminentemente masculina, o que tem se alterado a ponto de, na atualidade, observar-se quase uma divisão equitativa entre os gêneros.

Sendo um Curso de tempo integral, os estudantes têm faixa etária similar e jovem, passando a trabalhar efetivamente após a formatura. Há raros casos de estudantes trabalhadores e com idade superior à maioria. Assim, há pouca evasão.

A abrangência do Curso é ampla, atingindo inclusive outros estados. Porém grande parte dos formados tem exercido suas atividades nas proximidades de Ponta Grossa, o que tende a aumentar em função do atual aquecimento da demanda por Engenheiros Civis.

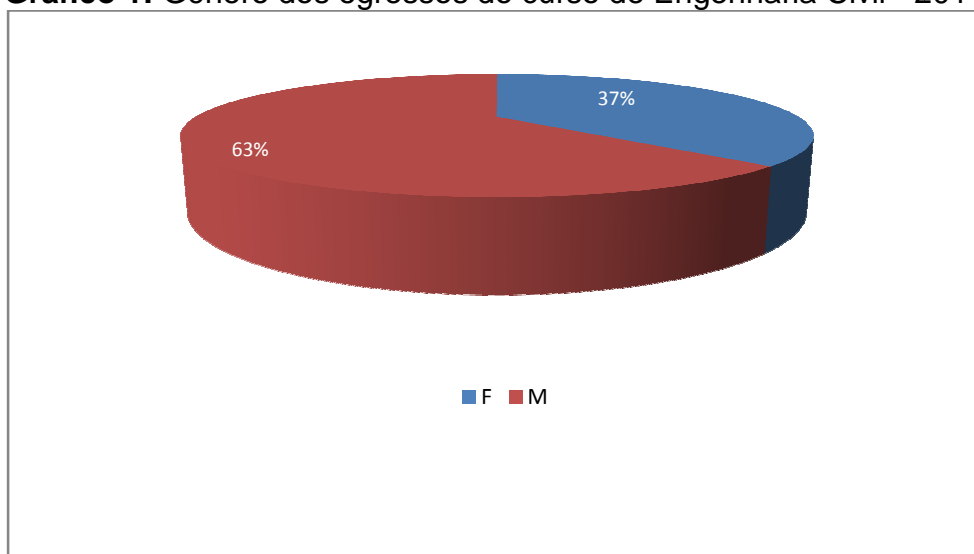
2.1.1 Gênero/Sexo

Tabela 1: Gênero dos egressos do curso de Engenharia Civil - 2011

GÊNERO	Total
F	28
M	47
Total geral	75

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 1: Gênero dos egressos do curso de Engenharia Civil - 2011



Fonte: CPA/UEPG

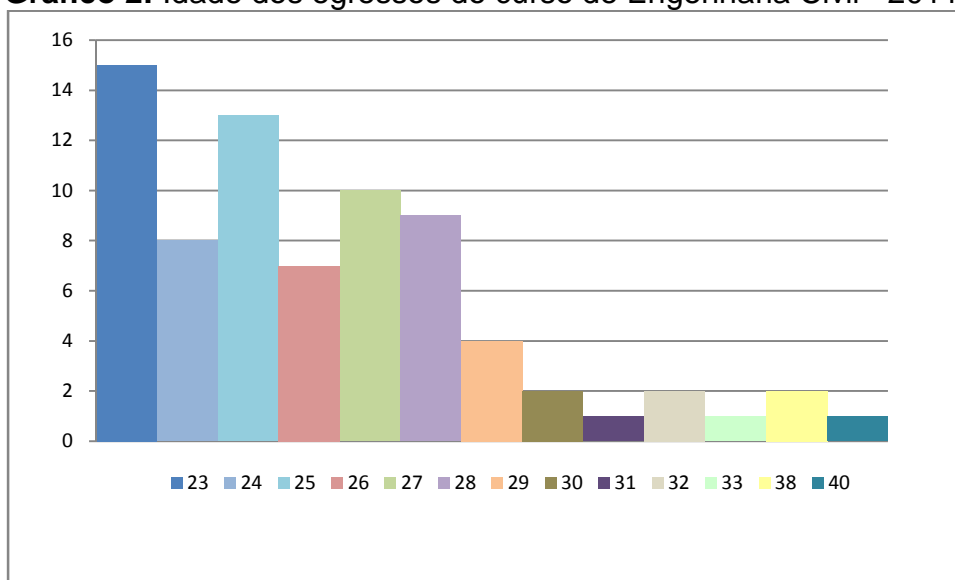
2.1.2 Idade

Tabela 2: Idade dos egressos do curso de Engenharia Civil - 2011

IDADE	Total
23	15
24	8
25	13
26	7
27	10
28	9
29	4
30	2
31	1
32	2
33	1
38	2
40	1
Total geral	75

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 2: Idade dos egressos do curso de Engenharia Civil - 2011



Fonte: CPA/UEPG

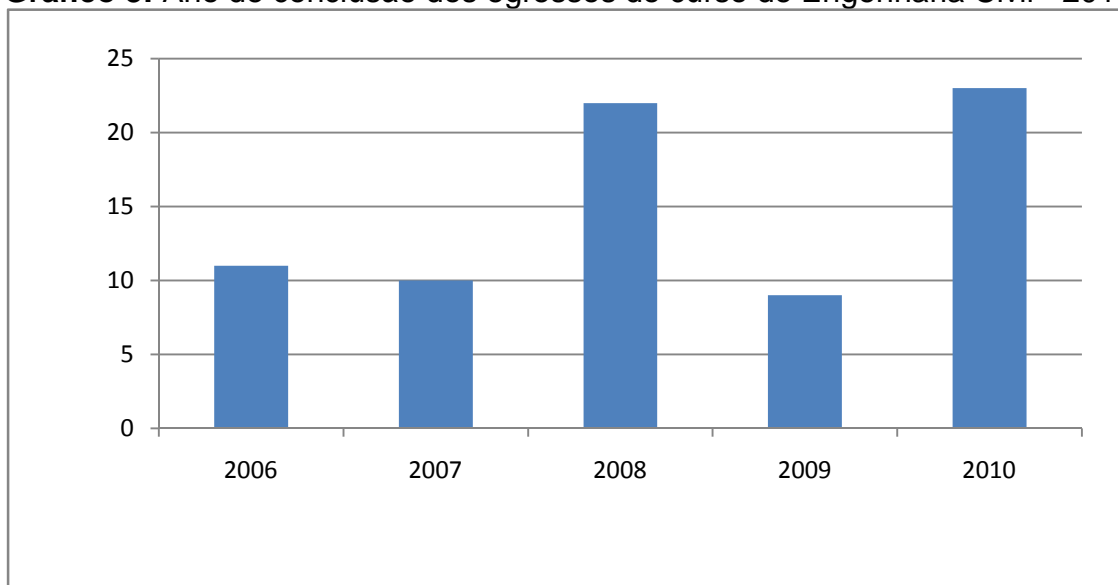
2.1.3 Ano de conclusão egressos

Tabela 3: Ano de conclusão dos egressos do curso de Engenharia Civil - 2011

ANO_CONCLUSÃO	Total
2006	11
2007	10
2008	22
2009	9
2010	23
Total geral	75

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 3: Ano de conclusão dos egressos do curso de Engenharia Civil - 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.1.4 Cidade de residência atual

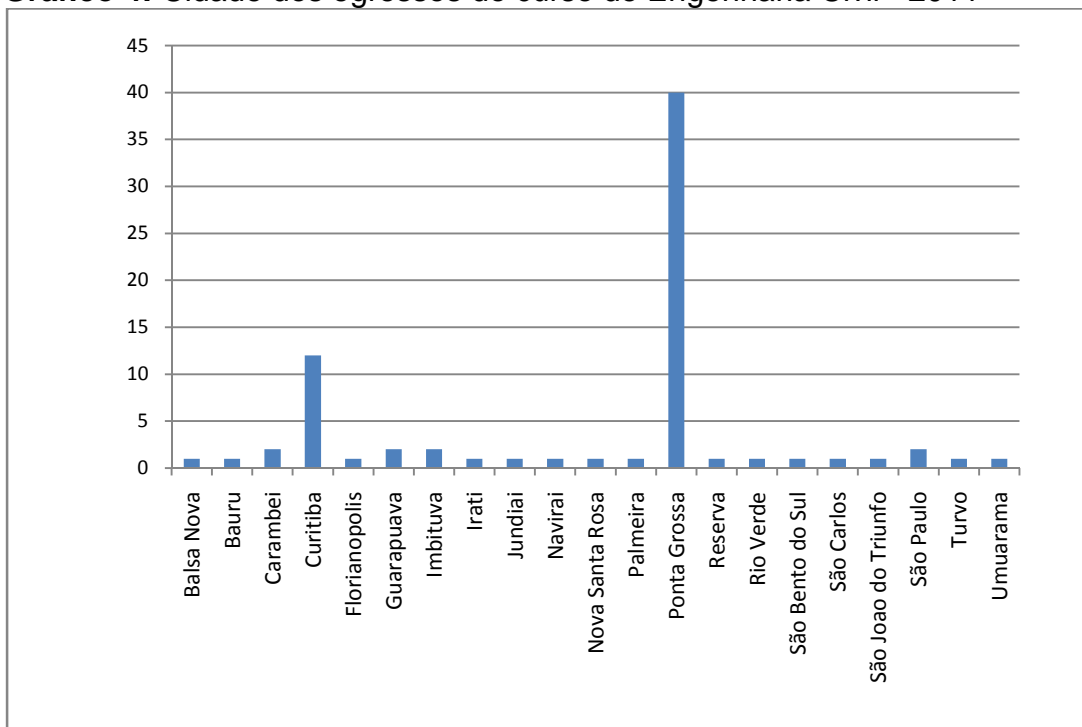
Tabela 4: Cidade dos egressos do curso de Engenharia Civil - 2011

CIDADE	Total
Balsa Nova	1
Bauru	1
Carambei	2
Curitiba	12
Florianopolis	1
Guarapuava	2
Imbituva	2

Irati	1
Jundiai	1
Navirai	1
Nova Santa Rosa	1
Palmeira	1
Ponta Grossa	40
Reserva	1
Rio Verde	1
São Bento do Sul	1
São Carlos	1
São Joao do Triunfo	1
São Paulo	2
Turvo	1
Umuarama	1
Total geral	75

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 4: Cidade dos egressos do curso de Engenharia Civil - 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.2 Formação na graduação

O curso de Engenharia Civil da Universidade Estadual de Ponta Grossa, desde seu início em 1974, tem formado profissionais em sua grande maioria para atuação direta no mercado de trabalho nas mais diversas áreas da Engenharia Civil, destacando-se a Construção Civil.

Essa característica se deve principalmente ao perfil do corpo docente do curso, até então constituído por profissionais Engenheiros Civis atuantes na prática.

Assim, os profissionais têm saído da Universidade preparados para os desafios iniciais da carreira.

Naturalmente a falta de experiência profissional é uma barreira que o iniciante de qualquer profissão enfrenta, porém as visitas técnicas e os estágios desenvolvidos ao longo do curso têm colaborado para a integração do egresso à vida profissional.

A dificuldade de relacionar a teoria desenvolvida em sala de aula com situações práticas, já detectada em outras avaliações, tem sido amenizada pela sensibilização dos professores para que incluam em suas aulas abordagens da aplicabilidade prática de suas disciplinas, mesmo que sejam básicas no Projeto Didático Pedagógico do Curso.

A ampliação das ofertas de disciplinas de diversificação constantes no Projeto Didático Pedagógico tem sido implementada na medida do possível. Inclusive têm sido criadas novas disciplinas atendendo a necessidades observadas na avaliação anterior. Algumas disciplinas não têm sido ofertadas em função da falta de docentes especializados. As novas contratações de docentes suprirão algumas dessas carências.

A instalação dos equipamentos multimídia em todas as salas do bloco “E” já contribuiu para que os professores atualizassem seus métodos didáticos na abordagem das disciplinas.

O Colegiado de Curso deverá interceder junto aos professores da 5ª série para que enfatizem nas disciplinas pertinentes os aspectos legais de abertura de empresas, direitos trabalhistas, legalização de obras, financiamentos e outras abordagens apontadas na presente avaliação.

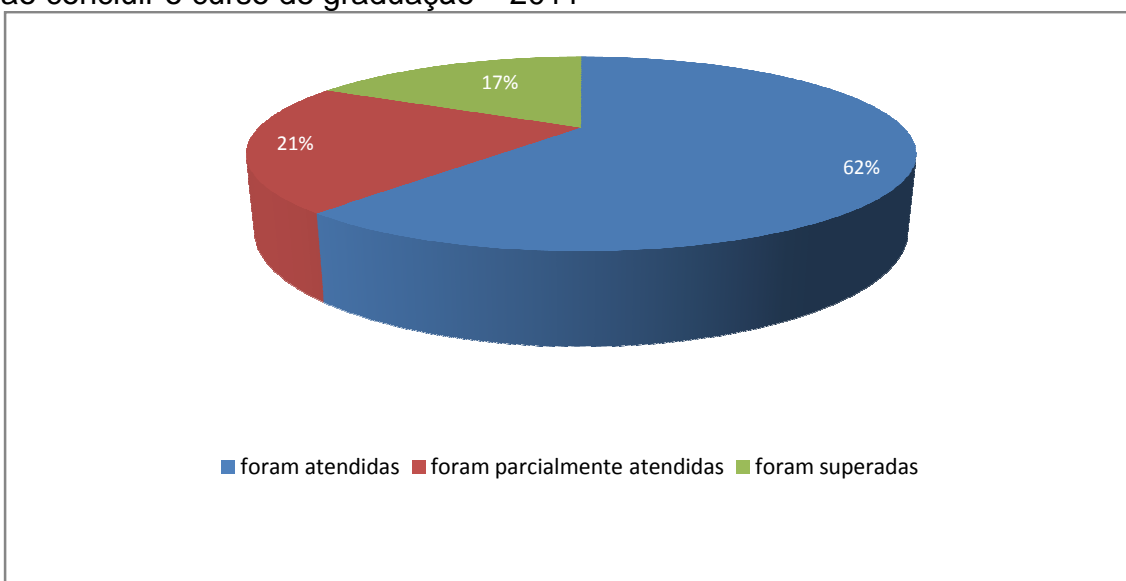
2.2.1 Atendimento às expectativas iniciais em relação ao curso

Tabela 5: A expectativa dos egressos em relação ao curso de Engenharia Civil ao concluir o curso de graduação - 2011

Opção	(Qt)	(%)
foram atendidas	46	61,33%
foram parcialmente atendidas	16	21,33%
foram superadas	13	17,33%
Total geral	75	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 5: A expectativa dos egressos em relação ao curso de Engenharia Civil ao concluir o curso de graduação – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.2.2 Aplicabilidade da formação recebida na vida profissional

Discurso referente à resposta boa

Formação geral, profissionalmente você se dedicará a apenas uma área da Engenharia.

Os cálculos aprendidos são os mesmos utilizados pelos projetistas renomados.

Senti um pouco a falta de algumas matérias opcionais como concreto protendido, pontes, portos e ferrovias, mas que é possível se aprofundar em leituras e pesquisas, pois tivemos todas as essenciais.

Devido ao vasto conteúdo abordado no curso, muitos pontos deste conteúdo não são vistos com profundidade, havendo a necessidade do estudo mais aprofundado em alguns momentos da vida profissional.

Na graduação tive uma boa noção de todas as áreas mais importantes da Engenharia, dando embasamento para especialização em áreas específicas. Até o

momento em minha vida profissional, não apareceu nenhuma situação em que fosse tudo novo ou desconhecido.

Tive uma boa base técnica teórica para desempenhar minha profissão. Tive que complementar com experiências práticas em estágios e nos primeiros anos de profissão.

Tem sido bem aplicada.

Depende muito da área de atuação, em meu caso teve uma boa aplicabilidade.

Foi uma boa formação.

Principalmente porque no período atual que estamos vivendo tem muito serviço na área de Engenharia Civil.

No geral as disciplinas foram suficientes para dar um embasamento. Após a graduação procurei uma especialização para poder aprofundar determinados assuntos com os quais tive maior identificação.

Faltou em alguns casos, conhecimento da parte prática por parte de alguns professores.

Os conhecimentos adquiridos durante a formação são hoje a base da minha atuação profissional.

Na minha vida profissional sempre trabalhei com obras públicas de construção civil, para este seguimento o curso dá uma boa formação ao futuro engenheiro.

O curso é bem voltado a prática profissional, o que ajudou muito depois de formado.

A vida é um constante aprendizado, porém se você não tem uma base boa você não consegue tomar as melhores decisões. No caso específico da Engenharia Civil as decisões são diárias.

Conceitos básicos sólidos, propostos por um corpo docente qualificado.

Lamenta-se a ausência de disciplinas como Obras de Arte Especiais, Ferrovias, Infraestrutura Portuária e Aeroportuária.

Na aplicabilidade para minha área de atuação, considero regular o ensino, porém muito aquém no que se refere à atualização dos conhecimentos e professores. Novas tecnologias, métodos e conhecimentos práticos poderiam ter sido mais enfatizados.

Na verdade a minha formação recebida está entre regular e boa, isto porque em algumas disciplinas, o que foi ministrado em sala de aula, estava defasado com a realidade do mercado.

O curso me ofereceu toda a base teórica necessária para a vida profissional, seria interessante se fosse possível os ensinamentos se tornarem mais práticos e atuais.

Os conteúdos vistos durante o curso, tanto em aulas teóricas quanto práticas, estão em sintonia com as exigências da vida profissional.

Avalio a formação recebida durante a graduação como sendo satisfatória sendo toda a teoria estudada aplicada diretamente em minha vida profissional.

Houve um preparo para superar qualquer obstáculo.

A formação recebida na graduação foi muito boa e atendeu as expectativas no que diz respeito às questões teóricas. Sobre as questões práticas, eu diria que poderíamos ter tido mais troca de experiências, visitas em obras e talvez algum laboratório 'in situ' (uma disciplina que fosse um acompanhamento de obra, por exemplo).

Boa formação, contudo algumas áreas deveriam ser mais exploradas.

Aprendemos muito sobre a parte teórica e em algumas matérias a parte mais prática também, mas ainda falta melhorar na parte de realizar projetos com uso de softwares e ter mais aulas sobre a parte burocrática da profissão.

Em algumas áreas a formação foi mais completa e sólida do que em outras, pois consegui com as informações obtidas durante a graduação, realizar vários projetos. Boa parte da teoria foi aplicada na prática.

De qualquer forma um curso de Engenharia Civil forma profissionais de maneira genérica. Como atualmente estou trabalhando posso afirmar que um ponto relativamente fraco no nosso curso foi as aulas teóricas (diferentemente da parte experimental, que foi excelente).

A área de saneamento, em que também trabalhei durante alguns meses, se mostrou bastante forte na vida profissional. O conteúdo ministrado nessa área foi, sem dúvida nenhuma, muito acima da média.

A vida profissional é muito diferente daquela vista em salas de aula, mas além do conhecimento acadêmico, a formação na graduação proporcionou parâmetros, o que considero muito importante para o crescimento profissional e para superarmos essas diferenças.

A minha formação acadêmica foi boa. Mas acho que saímos despreparados para a profissão. Faltam conhecimentos práticos.

Em diversas disciplinas (construção civil, concreto armado, mecânica dos solos) tivemos professores que também eram engenheiros civis atuantes em empresas da própria cidade, isto proporcionou um incremento de conhecimento no que diz respeito a 'prática' muito bom nestas disciplinas. Porém em outras o conhecimento adquirido não superou as expectativas, ou seja, as aulas deram apenas uma pincelada no entendimento do assunto.

O aspecto prático da vida profissional ficou um pouco comprometido no início de carreira, por deficiências pontuais na formação.

Professores deixam a desejar durante o curso.

Faltam algumas matérias específicas.

A formação foi de acordo com a grade curricular, mas depois de formada, percebi que muitos conteúdos poderiam ter sido trabalhados na faculdade, pois a graduação tem tudo com meu meio profissional.

Os conhecimentos teóricos obtidos condizem com a necessidade da vida profissional, porém ainda nos faltam conhecimentos práticos.

Faltou mais tempo de aulas de concreto armado (deveriam ser 4 módulos), faltou disciplina como Pontes, Impermeabilização e uma maior ênfase em Física e Informática, ambos muito fracos no decorrer do curso.

Faltam mais práticas voltadas ao mercado de trabalho.

A vivência pós-academia mostrou a necessidade de um profissional com habilidades e capacidades gerenciais. A formação universitária permitiu tão somente o desenvolvimento de habilidades técnicas e em muitos sentidos, obsoleta.

Aplico diariamente o conhecimento que recebi na graduação. Mas, em determinadas situações ou trabalhos, sinto que faltaram ser passados alguns conhecimentos, algumas matérias, e assuntos.

Eu ainda não estou atuando como engenheira civil estou cursando a Especialização em Segurança do Trabalho e quero me dedicar a essa área. Porém, considero a formação recebida de excelente qualidade visto que tive ótimos professores no decorrer da graduação que atuaram como 'mestres' para me repassar seus conhecimentos. Gostaria de sugerir que fossem exigidos a realização de estágios (durante o período de graduação) nas 5 grandes áreas do conhecimento do curso, pois isso dará aos acadêmicos maior confiança para a entrada no mercado de trabalho, sinceramente, eu gostaria de ter passado por esse processo.

Seria interessante um pouco mais de prática para complementar a teoria. Só não posso dizer que é excelente, por que a prática nos falta. Saímos muito crus, não sabemos como lidar com as coisas burocráticas (prefeitura, INSS, financiamento), sabemos na teoria como deve ser assentado um tijolo, como deve ser feita uma armadura, como dosar um concreto, mas isso não é o suficiente, quando nos deparamos com os problemas no canteiro de obra e nos cobram soluções imediatas, a falta de aulas mais práticas pesa bastante.

E algumas matérias, não vou dizer que apenas por falha dos professores, mas muito sim, por falha deles, principalmente por falta de didática, é como se eu nunca tivesse aprendido.

Quando cursei Engenharia o curso não tinha as disciplinas optativas que hoje são ofertadas. Disciplinas como Pontes fizeram falta.

Acredito que faltou o uso de softwares para confecção de projetos que exigem cálculo estrutural, como em aço, concreto, além é claro, do uso do autocad. Todos esses programas foram necessários aprender fora da universidade, onde não foi fornecido o estudo de nenhum programa do tipo, seria até interessante se a universidade oferecesse cursos extracurriculares. Mas mesmo fazendo o uso de programas, é indispensável e de grande importância o desenho à mão livre item que talvez devesse ser mais exigido, principalmente na confecção de croquis.

Aproximadamente 60% das matérias cursadas são aplicadas diariamente no meu trabalho, o restante tem aplicação reduzida ou nula.

Logo após me formar fui fazer mestrado e senti que a formação recebida na graduação foi boa, pois de uma maneira geral todos os assuntos da Engenharia Civil foram abordados. Posteriormente no mercado de trabalho também pude aplicar os conhecimentos adquiridos.

Discurso referente à resposta excelente

Todo o meu desempenho profissional como engenheiro civil está baseado no conhecimento obtido nas aulas, e me sinto totalmente apto para realizar minhas funções com tais conhecimentos, infelizmente faltam alguns conhecimentos em áreas específicas que o curso não contempla, dentre elas destaco a ferrovia. Mas fazendo um apanhado geral os conhecimentos obtidos embasam minha função.

Acho que a formação de cada um depende não só da instituição, mas também do esforço de cada um. Quando saímos da faculdade temos uma grande insegurança, medo de não conseguir fazer as coisas da melhor maneira. Mas, quando começamos a trabalhar e vemos que as decisões estão em nossas mãos, os conhecimentos fluem e começamos a confiar mais em nós mesmos.

A formação recebida foi de qualidade e teve grande influência nos bons resultados da minha vida profissional.

Todo o conhecimento recebido no decorrer do curso é válido e útil durante os exercícios da vida profissional. Mas percebi que alguns aspectos poderiam ser melhorados. Tanto prática quanto didática de ensino sempre esteve presente nas disciplinas do curso.

Apesar de generalista, a formação deu subsídio para o exercício profissional independente de o trabalho ser específico ou exigir conhecimentos diversos.

Estou trabalhando em uma central de concreto e argamassa, onde são aplicados muitos conhecimentos adquiridos na graduação.

Excelente, consegui me virar bem com o que foi me passado durante a graduação as maiores dificuldades foram com relação à falta de experiência.

Atingiu as expectativas.

Quanto ao enfoque prático da graduação, considero que os professores se esmeravam neste aspecto, de forma geral. Sempre era buscada a aplicação na prática dos conhecimentos.

Desde o primeiro instante, fui seguro e confiante em minhas atribuições profissionais o que me ajudou no avanço de minha carreira profissional.

Para qualquer cargo que ocupe, sempre busco conhecimentos que obtive nas aulas ministradas durante o curso.

Avalio como excelente, pois estou na área da construção civil há 18 anos, e após a formação recebida pude aplicar o conhecimento recebido de forma prática no campo de trabalho.

Discurso referente à resposta regular

Muitas matérias foram superficiais, insuficientes e inexistentes.

Sempre achei que falta uma disciplina que ligasse todas as matérias relacionadas.

Também poderiam ser ofertadas disciplinas mais voltadas para a formação técnica, além da científica.

Como sigo a carreira acadêmica, aprendi muito pouco sobre desenvolvimento de tecnologias.

Meu curso é Engenharia, mas é muito profissionalizante para quem vai seguir um determinado ramo dentro dela. As outras áreas de atuação são marginalizadas dentro da grade curricular, inclusive o desenvolvimento de tecnologias.

Algumas matérias estão desatualizadas e alguns professores.

O curso de Engenharia Civil da UEPG deveria ser licenciatura, pois é praticamente inteiro teórico, com raras exceções. Coisas que não aprendi em 5 anos de faculdade, aprendi em 5 meses de estágio. Professores ultrapassados e sem vontade de procurar novas ideias e tecnologias compunham nosso corpo docente, com raras exceções. Além disso, o curso nos forma empregados, não empregadores. Tive apenas um semestre de Engenharia Financeira e Empreendedorismo que me deram uma vaga noção de como funciona o dinheiro em si, o mercado de trabalho e uma empresa.

Desde a formatura trabalho intensamente, e informo que os conhecimentos adquiridos na graduação estão muito defasados quando comparados a outras universidades, ou até mesmo quando nos deparamos com normativas atuais.

Varia de acordo com o segmento da área, no caso, a Engenharia Civil. Em alguns segmentos, a formação foi muito boa, em outros, deixou a desejar.

Considero distante o aprendizado da sala de aula dos desafios encarados na vida profissional.

Os conteúdos são bons, as matérias diversificadas, os professores, a maioria, muito bem preparado. Creio que haveria necessidade de dar mais enfoque a parte prática. Não tivemos vivência de obra, nossas aulas são muito teóricas.

Os métodos ensinados estão ultrapassados, assim como a maioria de nossos professores.

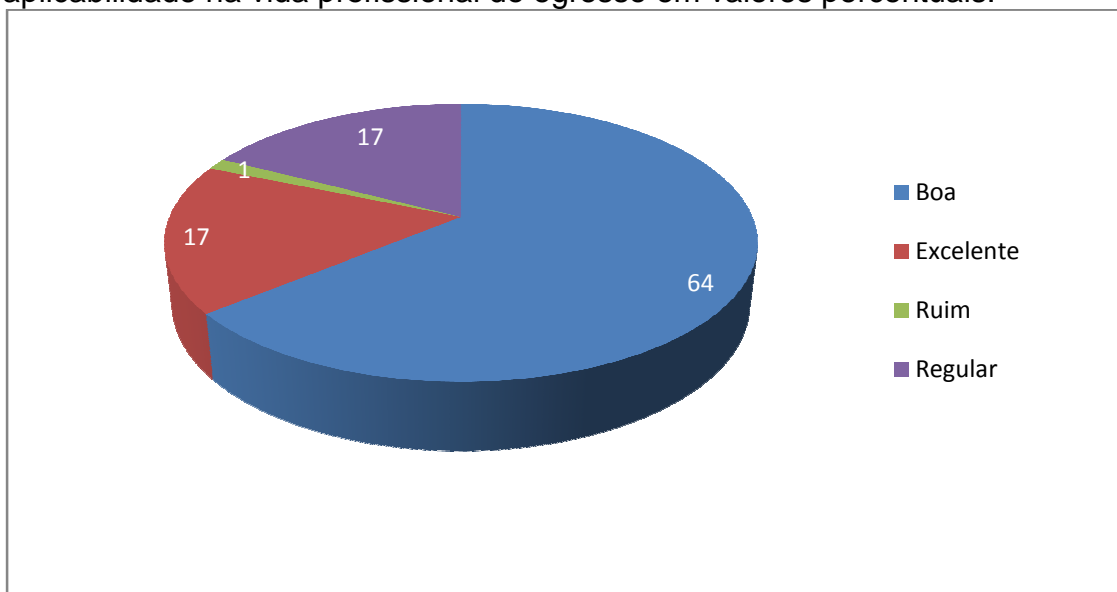
Após sair da faculdade e me deparar com outras pessoas com a mesma formação, mas em instituições diferentes, ficou nítido, como o ensino da UEPG pode melhorar.

Acredito que teoria e prática deveriam andar juntas. Só tivemos uma pequena experiência em Projeto Arquitetônico, nos demais projetos não tivemos nada ou quase nada. Com relação à execução de obras, poderia ter sido um pouco melhor, com mais visitas nas obras, troca de experiências com profissionais formados, etc. Quem teve a oportunidade de fazer um estágio em local de obras sanou esta deficiência, mas quem não teve, acabou aprendendo nas obras dos clientes. Acredito que em relação a minha área de atuação (execução de obras) faltou um pouco mais de contato com a parte prática durante a formação acadêmica. Senti falta de conhecimentos na área. Além de: falta contato com a 'prática' durante o curso; alguns professores com conteúdo ultrapassado; falta de maiores conhecimentos em projetos e nas áreas diversificadas. O único setor que NÃO deixou a desejar foi o Estrutural, Concreto Armado, Teoria das Estruturas e Mecânica dos Sólidos foram matérias que superaram as expectativas, e agregaram um grande conhecimento.

Discurso referente à resposta ruim

Logo após me formar comecei a trabalhar na ALL com operação ferroviária e manutenção de estrada de ferro, disciplinas que não tinham na grade, não conhecia nada.

Gráfico 6: Avaliação da formação recebida na graduação em relação à aplicabilidade na vida profissional do egresso em valores percentuais.



Fonte: CPA/UEPG

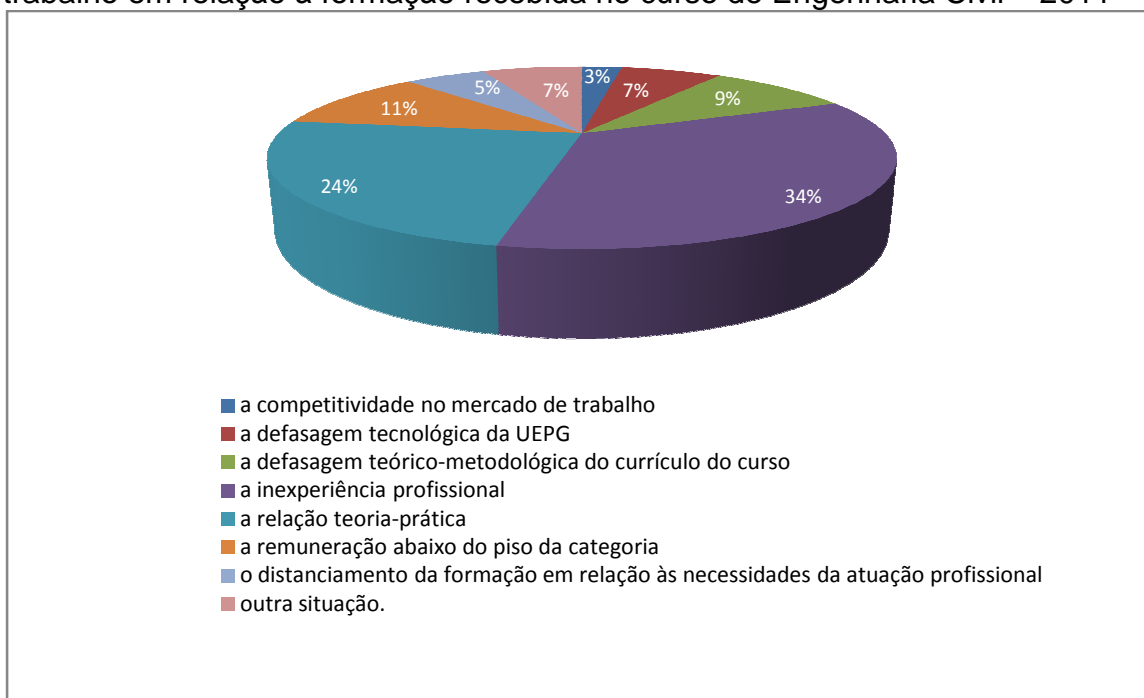
2.2.3 Dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho

Tabela 6: A principal dificuldade enfrentada pelos egressos no mercado de trabalho em relação à formação recebida no curso de Engenharia Civil - 2011

Opção	(Qt)	(%)
a competitividade no mercado de trabalho	2	2,67%
a defasagem tecnológica da UEPG	5	6,67%
a defasagem teórico-metodológica do currículo do curso	7	9,33%
a inexperiência profissional	26	34,67%
a relação teoria-prática	18	24,00%
a remuneração abaixo do piso da categoria	8	10,67%
o distanciamento da formação à atuação profissional	4	5,33%
outra situação.	5	6,67%
Total geral	75	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 7: A principal dificuldade enfrentada pelos egressos no mercado de trabalho em relação à formação recebida no curso de Engenharia Civil – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.2.4 Sugestão à organização curricular do curso

Discurso referente às sugestões dos egressos

Maior disponibilidade de matérias optativas, maior incentivo à pesquisa acadêmica, maior disponibilidade de conteúdos interativos que estimulem o aprendizado (como o site desenvolvido para a disciplina de construção civil, p. ex.), maior disponibilidade de uso e aprendizado de aplicativos atualizados e de ponta indispensáveis para o exercício profissional, como ferramentas CAD, BIM, MS Project, etc, incentivo a atividades de estágio efetivamente orientados para o aprendizado profissional e acompanhadas pelo corpo docente, maior interação dos estudantes com entidades e instituições que ajudarão a reger a sua vida profissional (Conselhos de classe, Sindicatos, Associações profissionais, etc.), estímulo às organizações acadêmicas (Centros acadêmicos, Atléticas, etc), biblioteca real e virtual atualizada com as obras de referência.

1) Foco em disciplinas chave para o mercado - fundações, construção civil, estruturas, pavimentação - eventualmente aumentando carga horária, renovando quadro de docentes, revisando a aplicabilidade prática de alguns conteúdos ministrados.

2) Busca de docentes com experiência profissional satisfatória para as disciplinas dos dois últimos anos do curso, ao invés de docentes simplesmente possuidores de títulos (infelizmente, sei que a tendência do meio acadêmico é ir na contramão desta minha afirmação).

3) Reorganização dos horários do curso, preferencialmente distribuindo aulas entre os períodos de fim de tarde e noturno, possibilitando ao acadêmico mais tempo para realização de estágios curriculares e extracurriculares.

Algumas matérias tem aplicação nula em muitas atividades relacionadas à profissão. Falta de aplicações práticas (e não apenas teóricas) em algumas matérias.

Alguns professores, cerca de 5 a 10% (pelo menos até 2006) estavam desmotivados em lecionar (na verdade pareciam mais interessados no próprio salário do que a dedicação ao ensino), um problema muito complexo (pois envolvia professores com mestrado e doutorado em sua maioria), posso resumir isto como falta de amor ao ensino.

Acredito que faltou o uso de softwares para confecção de projetos que exigem cálculo estrutural, como em aço, concreto, além é claro, do uso do autocad. Todos esses programas foram necessários aprender fora da universidade, onde não foi fornecido o estudo de nenhum programa do tipo, seria até interessante se a universidade oferecesse cursos extra-curriculares. Porque aprender a usar esses programas quando já estamos formados, fica faltando a orientação do professor no caso de dúvidas. Mas mesmo fazendo o uso de programas, é indispensável e de grande importância o desenho à mão livre item que talvez devesse ser mais exigido, principalmente na confecção de croquis, mas como a aula de desenho técnico é no segundo ano, onde aprendemos a confeccionar os projetos, seria de grande valia se também tivesse aula de desenho junto a aula de construção civil, para melhor detalhamento quando é necessário fazer uma explicação em obra.

Na minha opinião nosso curso precisaria de mais visitas práticas, pois tivemos poucas. Além de que a prática é importante para o profissional junto com a teoria que considero excelente no nosso curso.

Realização de trabalhos práticos junto com os professores, ou criação de escritórios: empresas didáticas com supervisão dos professores. O estágio acaba não tendo a função de aprendizado, pois geralmente nos encaminham para áreas que já temos experiência. Aumentar módulos de concreto armado. Maior ênfase em Física e Informática. Oferecer matérias optativas e mais práticas e com visitas: impermeabilização, pontes, reservatórios. Maior ênfase na prática e montagens de metálicas.

Nas disciplinas que forem possíveis, o professor deveria reservar um período para demonstrar a aplicabilidade da matéria ministrada. Em algumas situações em que o professor não possua experiência na área, o mesmo deveria convidar profissionais para exemplificar o conteúdo. Isso motivaria mais os alunos e quebraria o paradigma de que apenas profissionais na área da saúde aprendem a trabalhar durante o curso, enquanto os demais só aprendem por conta própria.

Melhoria da capacitação do corpo docente, os professores muito antigos, que utilizam metodologias ultrapassadas de ensino.

Como o curso é integral, poderiam ser inclusas na grade algumas matérias opcionais (como as que citei anteriormente - Portos, Aeroportos, Ferrovias, Pontes, Concreto Protendido, etc..), pois quando cursei, alguns anos eram predominantemente de manhã e outros de tarde. Embora fosse interessante para conseguirmos estágio de meio período, pode-se utilizar mais este tempo para completar mais o currículo.

Matérias da área de Psicologia também poderiam ser inclusas talvez no último ano para que os graduandos saiam conscientes dos diferentes tipos de perfis de pessoas para poderem gerí-las e administrarem conflitos.

Se possível organizar uma grade em que nos 4 primeiros anos sejam vistos o que hoje ou em 2006 era visto em 5 anos, e no último ano, direcionar as matérias para uma espécie de especialização em áreas específicas da Engenharia, como Estruturas, Hidráulica, Rodovias etc..

A atualização de conteúdo das disciplinas e da própria grade curricular, incluindo disciplinas relacionadas à Gestão de Recursos, maior ênfase em Gerenciamento de Projetos, disciplinas relacionadas à Qualidade e Sistemas de Gestão. A formação pode ser segmentada por áreas de atuação de acordo com a preferência do acadêmico, com a garantia de um lastro de cunho generalista.

Após a realização do curso na UEPG, sinto que a universidade está com uma enorme falta de profissionais inovadores, ligados diretamente à sua área de atuação, conteúdos antigos e defasados ainda continuam a serem praticados.

Áreas como hidráulica e saneamento contam com excelentes profissionais.

Áreas ligadas à estrutura está totalmente desfalcada de bons professores, metodologia defasada, poucos recursos com laboratórios (laboratórios de resistência de materiais, softwares de análise estrutural (ansys, sap, strap), cálculo (tqs, stabile, cypcad)...), falta de professores ligados diretamente à área em que estão trabalhando (distanciamento da teoria obtida em décadas passadas com novas formulações atuais e precisas).

Como sugestão para melhoria do curso, transcrevo abaixo alguns itens importantes: necessidade da universidade investir e criar novos cursos de pós-graduação (a nível de especialização, mestrado e doutorado); exigir capacidade comprovada dos seus colaboradores, bem como investir em novos profissionais (utilizando metodologias atuais, respeitando as normativas em vigor); investimento em laboratórios (sistemas computacionais, resistência dos materiais, etc.).

Os dois primeiros anos do curso ser integral em dois períodos, para que os anos seguintes os acadêmicos consigam adequar o estágio em meio período e as aulas em meio período. Pois somente a formação acadêmica não garante uma inserção no mercado de trabalho.

Conteúdos como: concreto pré-moldado e protendido.

Ferramentas como: autocad.

O curso deveria relacionar mais a técnica com o mercado.

No caso do curso de Engenharia Civil, um item que sugiro é a inserção na grade curricular de matérias optativas, pois na época da minha graduação não tínhamos essa opção e com isso deixamos de aprender matérias mais aplicadas e atuais da Engenharia Civil.

Faria uma reciclagem no corpo docente. Visitas práticas em empreendimentos em grandes centros como Curitiba e São Paulo, para aproximação dos alunos a parte prática. Maior incentivo à pesquisa.

Atualizar os conteúdos e professores, a teoria poderia ser ensinada com praticidade abordando a vivência no canteiro de obra.

Uma sugestão seria a inclusão de disciplinas optativas que ultrapassem a construção civil básica-casa/sobrado. Mas acho que a atual grade já contempla isto.

Disciplinas que enfoquem construção verde/sustentável também seriam interessantes, pois como ocorreu o 'boom' da construção civil, acredito que a área de sustentabilidade segue o mesmo rumo, um mercado que só tende a crescer.

Falta atualização dos professores.

Poderia haver uma maior integração entre matérias, promovendo a interdisciplinaridade que ocorre na prática profissional, bem como a constante atualização de conteúdos, visando acompanhar o avanço tecnológico do setor.

Olha em minha opinião a organização curricular está ok, apenas precisaria de melhorias nos laboratórios do curso de Engenharia.

Diminuir levemente o enfoque às obras civis de edificações e focar ainda mais a construção pesada e infraestrutura (principalmente de transportes), implantando Ferrovias, Aeroportos, Obras de Arte Especiais, entre outras. Inserção de matérias optativas que envolvam Gestão, Construções Sustentáveis, Psicologia voltada para Construção Civil, entre outras. Disciplinas como Direito e Administração deveriam ter um foco mais criterioso, e não somente preencher o currículo do curso. Informática, muitos engenheiros se formam sabendo muito pouco sobre excel, project e auto-cad (poderiam ser disciplinas optativas). Criação de uma Empresa Junior, onde os alunos teriam noção de como gerir e administrar sua própria empresa. Poderia haver uma parceria juntamente com Associações e Sindicatos, atuando com atividades para famílias de baixa renda por exemplo.

O conteúdo (grade) do curso de Engenharia Civil do meu ano foi muito bom, porém na época, alguns professores não conseguiam conciliar o conhecimento passado nas aulas com situações práticas.

Com certeza algumas disciplinas pouco adicionaram no conhecimento meu e de meus colegas.

Uma atenção especial à elaboração de projetos complementares, locação/marcação de obras, etc.

Adição de matérias como: Logística na construção civil (Princípios do Lean Construction), Gerenciamento de Projetos, melhor aprofundamento nas matérias, gestão de pessoas. Matérias estas, essenciais ao dia a dia de qualquer profissional que atue na construção civil.

Reservar uma hora por semana para um professor comentar sobre as decisões tomadas diariamente, no âmbito profissional.

No curso de Engenharia Civil deve ter mais disciplinas voltadas para a execução de obras.

Muito mais horas aula de programas como auto cad e mais contato com projetos complementares reais, existentes e colocados em prática. Os graduados saem do curso sem contato com projetos, lógica e ar condicionado, por exemplo, e sem contato com projetos complementares completos, com todos os detalhamentos e quantitativos de materiais.

Bom a minha turma foi a última do currículo velho. Não sei como está o novo currículo da UEPG, porém acredito que a inserção de algumas matérias que faltavam no nosso currículo já foram solucionadas. Acredito que as novas tecnologias também devem ser mais abordadas durante o curso.

Melhora na fiscalização da qualidade do ensino por parte dos professores; abordagem mais prática em disciplinas que possuem esta característica, principalmente incentivo para o acadêmico estagiar o quanto antes possível.

Tem matérias que considero de suma importância e que a grade foi muito curta, que poderiam ter sido mais aprofundadas, no lugar de outras que na minha opinião serviam apenas para cobrir buracos.

E matérias que foram dadas muito superficialmente que é um dos motivos que acho que não podemos entrar na área específica.

Talvez incluir pré-requisito para cursar alguma disciplina (não cursar se o aluno não estiver aprovado em outra anterior, diretamente relacionada).

Atualizar o material didático.

Incluir disciplinas que não são ministradas no curso.

Dar mais ênfase às disciplinas, inserindo mais aulas práticas.

Creio que as disciplinas referentes a projetos e desenho técnico deveriam ser ministradas em todos os anos do curso, principalmente nos últimos, visto a falta de interesse dos acadêmicos por essa área e a falta de conhecimento de projetos, o que acaba prejudicando quem quer trabalhar nessa área e também quem quer trabalhar com obra. Já vi muitos profissionais em obra com muita dificuldade em conseguir entender por completo um projeto.

Em parte minha ideia já foi implementada com as disciplinas eletivas, mas em minha opinião poderia ser aumentada a flexibilidade curricular, permitindo maior especialização ao aluno em uma área com a qual tenha maior flexibilidade.

Ainda poderiam ser implementados muitos avanços quanto à estrutura, laboratórios, equipamentos, programas de intercâmbio e de pesquisa e extensão.

Mais aulas práticas. Vivência em obras.

Quando falavam 'aproveite tudo que puder durante o curso, porque um dia fará falta' os acadêmicos realmente não acreditam, eu não acreditava. Eu acho que para uma formação profissional ser melhor, tem de haver uma interdisciplinaridade maior, o acadêmico tem de sentir um conjunto de fatores que exijam soluções que dependem de várias disciplinas que aprendemos. Pois assim é o nosso dia a dia.

Oferecer mais optativas, para o aluno aprimorar-se no que está mais interessado.

Buscar professores que atuem no mercado de trabalho, para poderem passar suas experiências.

Visitas de campo.

Incentivo por parte da Instituição em trabalhos de pesquisa.

Mais aplicações práticas, na maioria das disciplinas.

Algumas mudanças na grade curricular devem ser pensadas, de forma a distribuir melhor as matérias profissionalizantes que praticamente se concentram no 4º ano. Incentivar e acompanhar mais os estágios, onde se aprende muito e ganha experiência.

Inserção de disciplina voltada ao gerenciamento de projetos (não apenas à utilização de softwares de apoio, mas de seus conceitos, com boa carga horária), onde muitos dos formados atuam.

Novas tecnologias na construção civil, pois o processo arcaico de construção civil do país gera muito desperdício, é muito manual e é muito lento.

Estudos práticos em obras.

Planejamento de canteiros de obra, logística e outros nos diversos segmentos da construção civil.

Estudos mais aprofundados em concreto protendido e pré-fabricados.

O currículo do curso está muito bom.

Talvez aliviar o currículo do 4º ano e incentivar e estágios já no segundo ano. Também aplicar mais partes práticas nas disciplinas que absorvam tal exercício.

Pontes, Georeferenciamento.

Acredito que a disciplina de Construção Civil e Equipamentos de Construção poderiam ser 'desenvolvidas' ao longo do curso. O que quero dizer é que poderia existir uma disciplina de construção civil. Construções básicas no 1º ou 2º ano (conceitos), no 3º ou 4º ano estas mesmas disciplinas seriam abordadas de forma mais aprofundada (com os possíveis cálculos para situações reais). Acredito que seria uma maneira melhor de fixar e relacionar estes assuntos com as outras disciplinas.

Reformulem a Educação Financeira do curso e aumentem a carga horária de matérias relacionadas ao empreendedorismo. Reformulem o corpo docente. Tragam novos professores que se interessam por novas ideias.

Imagino que a disciplina de Instalações Elétricas devia ter alguma presença no quarto ano junto com a parte de Instalações Prediais.

Focar a base didática em assuntos mais direcionados à prática profissional. Acredito que a teoria é importante, mas o excesso da mesma pode inibir e comprometer a demonstração de conteúdos essenciais para a vida profissional.

Que fosse exigida maior carga horária de estágio mesmo não-obrigatório.

As matérias estão bem distribuídas ao longo do curso, o que acrescentar é o número de matérias optativas no 4º e 5º ano.

Oferta de um maior número de disciplinas optativas, abrangendo assim mais áreas da profissão.

Para cada disciplina trazer detalhes de como esta se encaixa na futura atuação profissional.

Encaixar em alguma disciplina um conteúdo sobre o funcionamento de uma empresa, com cargos e funções mais comuns, dicas de comportamento e relacionamento.

Acho que os professores precisam reformular a maneira de ensinar e pensar mais no que vamos enfrentar ao longo de nossa profissão.

Não ensinar tanta teoria e mais prática.

Exigência de uma carga horária maior para estágio supervisionado.

Considero que a disposição da grade curricular do meu curso é bem desenvolvida, todavia considero que algumas disciplinas mereciam um olhar mais prático tais

como: Saneamento, Instalações Prediais, Resistência dos Materiais (Mecânica dos Sólidos), Química aplicada à Engenharia e Controle Ambiental.

Talvez repensar a ordem das disciplinas durante os cinco anos de curso. Algumas disciplinas deveriam ser dadas um pouco mais tarde e outras mais antecipadas.

Aumento de horas práticas. Inclusão de assuntos sobre novas tecnologias aplicadas a materiais de construção, técnicas construtivas, ou seja, novidades.

Aumento/melhoria no setor de informática, inclusão de novos softwares (hidráulico, elétricos, estruturais, etc). Maior direcionamento nas matérias básicas, e menos horas para matérias tão específicas como aço, por exemplo. Estudamos durante um ano ligações e esforços em estruturas metálicas sendo que a porcentagem de pessoas que se formam e se direcionam para essa área é muito pequena.

Incentivo aos estágios voluntários durante o curso, e incentivar os professores a elucidar exemplos práticos nas disciplinas.

Aumentar laboratórios, atualizar os existentes e aumentar o corpo docente. Analisar as necessidades dos profissionais para melhorar os métodos de ensino, sempre.

Em relação à organização curricular o ideal seria avaliar as necessidades locais em primeiro plano para focar em disciplinas que serão de melhor uso para o profissional.

Aumentar as disciplinas de diversificação buscando abordar o ensino de novas tecnologias.

Adiantamento de matérias específicas do curso para os 1º anos do curso, já mostrando aos acadêmicos o real do curso.

Atualizar disciplinas com a inserção de softwares e métodos aplicados nos dias de hoje.

Como comentei em questão anterior, acho que seria proveitoso incluir estágios obrigatórios nas áreas específicas do conhecimento da graduação.

A vinculação das disciplinas a departamentos por cursos é ultrapassada. A solução seria vincular disciplinas afins, de cursos diferentes, em departamentos semelhantes, ou seja, desvincular disciplinas e departamentos do curso, e criar os departamentos por áreas de atuação.

Restringir a dinâmica de um curso ao pensamento de apenas um grupo de pesquisa, significa aniquilar a pluralidade de pensamentos e opiniões que concernem ao objetivo de uma universidade. Cursos diferentes pensam de formas diferentes, e isso é bom. Linhas de pesquisa diferentes, pensam de formas diferentes, e isso é melhor. Dentro do mesmo curso poderia haver o departamento A, B e C, autônomos. E esse departamento A abrangeria disciplinas de diferentes cursos, que abordem a mesma temática, isso promoveria a interação entre pesquisadores que a universidade tanto carece. A formação generalista nos obriga a cursar com o mesmo afinco disciplinas do grupo A, B e C. O resultado é que saímos da universidade com nível regular em todas, mas ótimo em nenhum. Sabemos pouco de tudo, mas não sabemos muito de nada. Essa falta de especialização e foco diminui a inserção no mercado de trabalho. Não sabemos exatamente para onde vamos, e também não estaremos preparados 100% para trabalhar em nada. Acredito que deveriam ser escolhidos novos professores. Outra sugestão seria um melhor aprofundamento na disciplina de fundações, ou disponibilizando uma nova optativa semestral, ou deixando essa matéria anual.

Um pouco mais de prática e envolvimento em projetos de extensão com professores dedicados à extensão.

2.3 Atuação Profissional

O egresso de Engenharia Civil tem se colocado no mercado de trabalho dentro de sua formação, em função da demanda. Em geral, é natural que em um primeiro momento a colocação seja como empregado, e na iniciativa privada, que é responsável pela grande parte da demanda. A atuação como empresário exige certa experiência de mercado, portanto é um “segundo momento” na carreira de alguns profissionais. A atuação em prefeituras, em especial em pequenas cidades, também tem absorvido os egressos de Engenharia Civil.

A atual fase que passa a construção civil, com demanda reprimida nos últimos 30 anos em função de instabilidades políticas e financeiras, tem requerido Engenheiros em grande número. Assim, os egressos têm conseguido se inserir de imediato no mercado de trabalho, o que deve prevalecer nos próximos anos. Isso representa um desafio adicional à boa formação desses egressos.

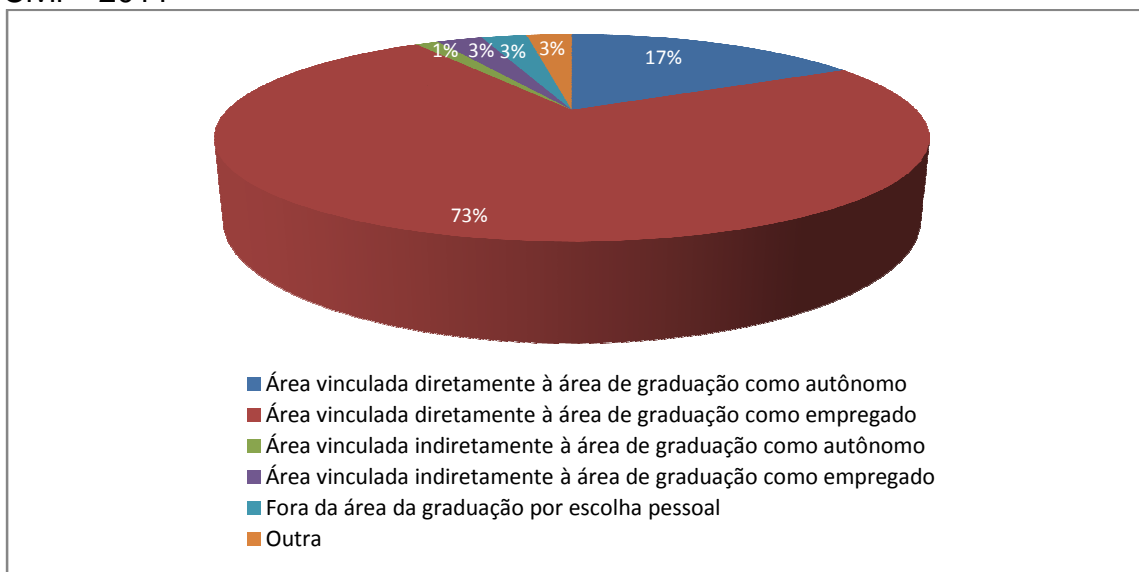
2.3.1 Relação área de graduação X área profissional

Tabela 7: A área profissional dos egressos em relação ao curso de Engenharia Civil - 2011

Opção	(Qt)	(%)
Área vinculada diretamente à área como autônomo	13	17,33%
Área vinculada diretamente à área como empregado	55	73,33%
Área vinculada indiretamente à área como autônomo	1	1,33%
Área vinculada indiretamente à área como empregado	2	2,67%
Fora da área da graduação por escolha pessoal	2	2,67%
Outra	2	2,67%
Total geral	75	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 8: A área profissional dos egressos em relação ao curso de Engenharia Civil – 2011



Fonte: CPA/UEPG

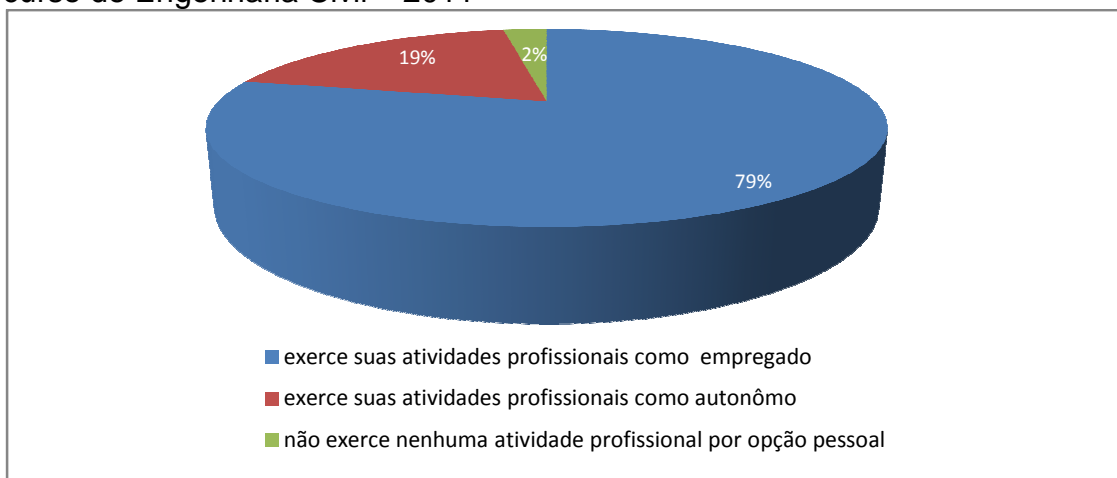
2.3.2 Tipo de exercício profissional

Tabela 8: As atividades profissionais exercidas pelos egressos em relação ao curso de Engenharia Civil - 2011

Opção	(Qt)	(%)
exerce suas atividades profissionais como empregado	59	78,67%
exerce suas atividades profissionais como autônomo	14	18,67%
não exerce atividade profissional por opção pessoal	2	2,67%
Total geral	75	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 9: As atividades profissionais exercidas pelos egressos em relação ao curso de Engenharia Civil – 2011



Fonte: CPA/UEPG

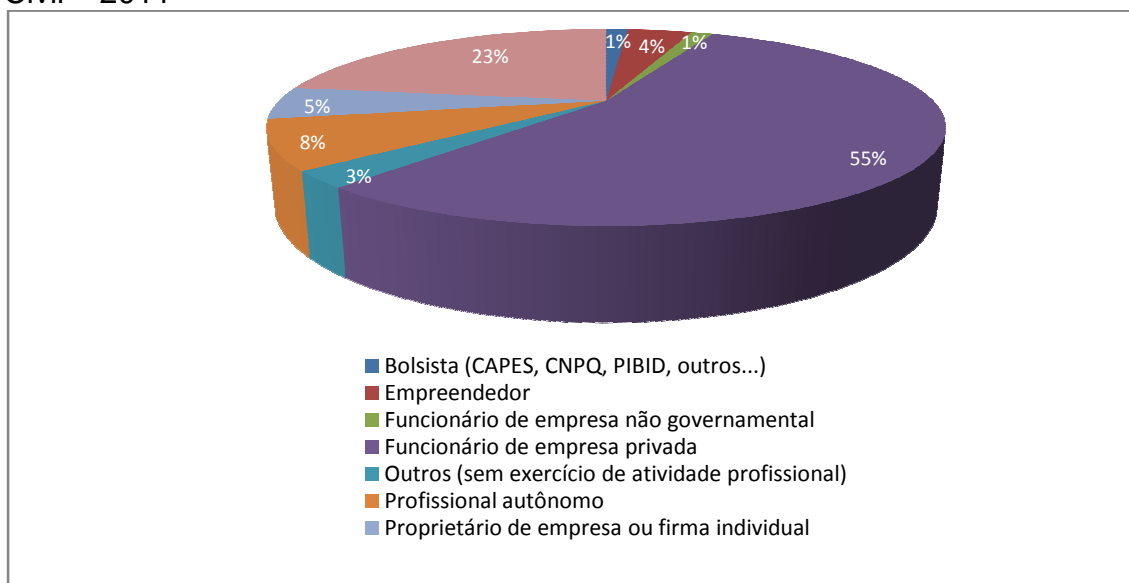
2.3.3 Tipo de atuação profissional

Tabela 9: A atuação profissional dos egressos em relação ao curso de Engenharia Civil - 2011

Opção	(Qt)	(%)
Bolsista (CAPES, CNPQ, PIBID, outros...)	1	1,33%
Empreendedor	3	4,00%
Funcionário de empresa não governamental	1	1,33%
Funcionário de empresa privada	41	54,67%
Outros (sem exercício de atividade profissional)	2	2,67%
Profissional autônomo	6	8,00%
Proprietário de empresa ou firma individual	4	5,33%
Servidor Público (federal, estadual ou municipal)	17	22,67%
Total geral	75	100,00%

Fonte: CPA/UEPG

Gráfico 10: A atuação profissional dos egressos em relação ao curso de Engenharia Civil – 2011



Fonte: CPA/UEPG

2.3.4 Tempo entre a conclusão do curso e o primeiro trabalho

Discurso referente à resposta acima de três anos

Fiquei fora do Brasil e agora estou começando minha vida profissional, mas com muita dificuldade de arranjar emprego. Estou trabalhando como estagiária, mas a procura de emprego fixo.

Discurso referente à resposta até dois anos

O tempo entre a conclusão do curso de Engenharia Civil e o primeiro emprego foi de até dois anos devido à realização do mestrado. Depois de formada, não consegui emprego, até ser convocada em um concurso prestado.

Discurso referente à resposta até seis meses

Mediante aprovação em concurso público.

Logo depois de formada fiz algumas regularizações de imóveis, desmembramento e usucapião, porque a minha mãe também é engenheira civil e me passou alguns clientes dela.

Após uns 6 meses, fiquei sabendo que iam abrir vagas para Engenheiro na Prefeitura de Ponta Grossa, mandei meu currículo para o Secretário de Planejamento, fiz entrevista e lá por final de julho, consegui um Cargo Comissionado no IPLAN (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Ponta Grossa), onde fiquei quase 2 anos.

6 meses até encontrar a primeira empresa disposta a pagar o piso salarial da classe, algo que deveria ser buscado por todos.

Com a atual realidade da construção civil em nosso país, foi relativamente fácil conseguir o primeiro emprego.

Um mês após a conclusão do curso fiz os projetos e execução de um sobrado.

Levei 3 meses para conseguir o primeiro emprego.

Fui efetivado na empresa quatro meses após a conclusão do curso, decorrendo entrevista de emprego e processo de admissão.

Já mantinha contato com uma empresa e este foi o tempo que decorreu até o chamado.

Quase 6 meses procurando emprego.

Acredito que atuar como autônomo exige um pouco mais de experiência.

Dois meses.

Concluí o curso em dezembro de 2009, sendo efetivada em meu primeiro emprego em fevereiro de 2010.

Cerca de dois meses após a conclusão, em empresa privada.

Seis meses para ser mais exato.

Atuando como autônomo, foi nesse período que surgiu a primeira oportunidade do exercício profissional.

Aulas de Matemática - Colégio Objetivo - Substituição.

Após três meses de formada.

Apareceu uma oportunidade de emprego na área esperada 3 meses após a minha graduação.

Fiz pouco estágio durante o curso, o que limitou meu 'network' como dizia um professor da pós-graduação. Somando a isso a falta do quem indique, o fato de ser mulher e meu péssimo desempenho em entrevistas de emprego. Demorei um pouco até conseguir algo.

Durante esse período permaneci atuando na atividade anterior, até ser convocado no concurso público em que passei.

3 meses.

Levei em torno de seis meses para conseguir um emprego estável. Nesse período tentei como autônomo, mas a sociedade exige certo tempo de experiência no mercado.

Discurso referente à resposta até um ano

Foram 9 meses até a entrada no programa de residência técnica da Secretaria de Estado de Obras Públicas do Paraná.

Discurso referente à resposta imediatamente

Estava realizando estágio na empresa e na sequência contratado como Engenheiro Civil.

No último ano da faculdade, no estágio obrigatório, já estava empregado no final do mesmo.

Já estava empregado desde o Estágio Obrigatório.

Após o término do estágio fui contratada.

Logo após a formatura, fui contratada pela empresa, pois já realizava estágio na mesma há 2 anos.

Imediatamente após a formatura entrei em construtora na cidade de Ponta Grossa.

Após o trabalho de estágio (em outra empresa) surgiu a oportunidade que foi firmada logo após a formatura.

Permaneci na empresa em que vinha realizando estágio.

No meu caso, fiz estágio na UNISUL desde o terceiro ano do curso, por este fato já estava ambientado com funcionamento da empresa e tive a oportunidade de ser imediatamente contratado, frente à abertura de vagas no setor de Engenharia.

Contratado como estagiário e efetivado após conclusão do curso.

Foi muito importante para mim o estágio obrigatório durante a faculdade. Neste período pude mostrar minha competência na empresa na qual eu estagiava e acabei sendo efetivada.

Fui imediatamente efetivado na empresa em que estagiava.

Recebi a convocação da Copel no dia do baile de formatura. Eu já havia acertado com um escritório de projetos de saneamento, mas a proposta da Copel era melhor financeiramente, então eu optei por ela.

Houve continuação na empresa na qual fiz estágio durante o curso.

Empresa onde trabalhei durante o curso.

Fui efetivada na empresa onde fazia o estágio obrigatório.

Fui efetivado após desenvolver o programa de estágios da própria empresa.

Assim que me formei (final de 2008) fiz alguns projetos como profissional autônomo.

Em fevereiro de 2010 me tornei servidora pública na UTFPR de Ponta Grossa, atuando na área. Em março de 2011 iniciei minhas atividades como engenheira civil concursada na prefeitura de Pinhais.

Eu era estagiária e fui efetivada ao cargo de Orçamentista Trainee 'A'.

Continuei na empresa em que fazia o estágio obrigatório.

Realizei meu estágio na empresa entre agosto e dezembro de 2010, logo após minha formação, fui contratado como engenheiro civil.

Trabalho como Autônomo por opção.

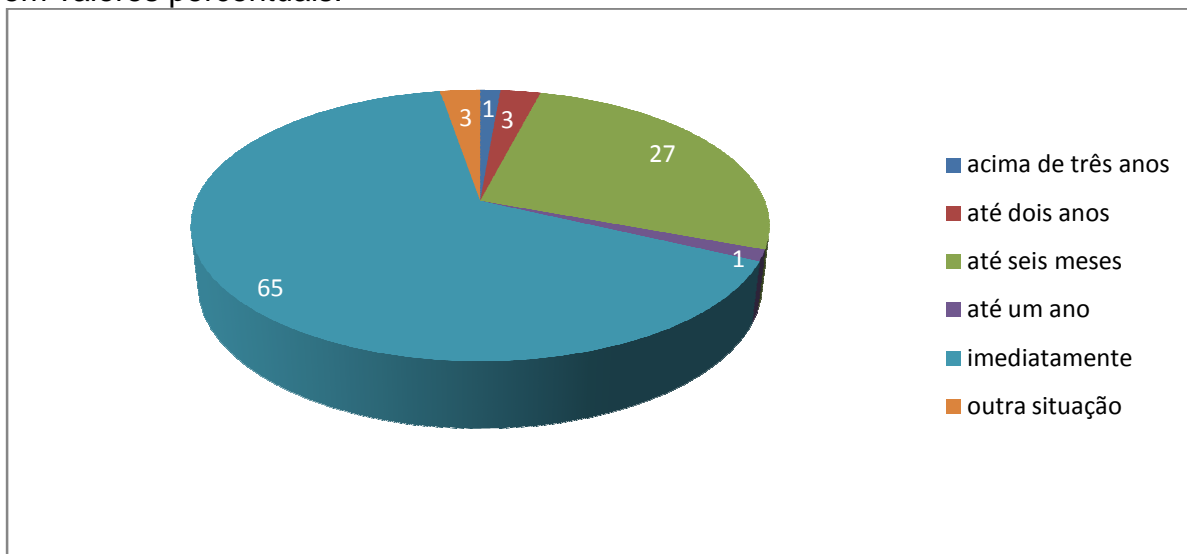
A diferença entre a conclusão do curso de graduação e o primeiro emprego foi de 15 dias.

*Já trabalhava na área antes de entrar no curso.
Tive mais de uma opção de emprego.
Efetivação do estágio logo após a conclusão do curso.
Fui empregado na empresa em que estagiei.
Logo que terminei a faculdade, já comecei a trabalhar.
Saí da Universidade com emprego garantido, na empresa em que realizei o estágio obrigatório.
Continuei trabalhando na empresa que eu estagiava. Depois de um ano e meio troquei de empresa.
Realizei o estágio obrigatório e após a formatura fui contratada como engenheira.
Já fazia estágio na área.
Já saí empregado.
Fui indicado por uma colega, cuja irmã tinha uma empresa.
Já era sócio de uma empresa antes de concluir o curso.
Após período de estágio supervisionado, entrei efetivamente para o quadro da empresa.
Logo após a formatura, continuei trabalhando na empresa em que fiz o estágio supervisionado.
Fui efetivado onde fazia estágio.
Sou sócio-proprietário de uma empresa.
Fui contratada pela empresa que me proporcionou o estágio obrigatório.
Após o término do estágio fui imediatamente efetivado como profissional. Não ainda na categoria da minha formação, mas exercendo atividades condizentes à mesma.
Comecei trabalhar como autônomo, depois como empregado em empresa privada e agora sou funcionária pública estadual.
Fui contratado na empresa a qual prestei estágio supervisionado.
Como autônomo, devido à mesma formação do meu pai, consegui um mercado já formado como autônomo.
Iniciei em uma empresa como estagiário (disciplina de estágio supervisionado) e logo após a graduação fui contratado.
Na verdade comecei realizar o estágio para conclusão de curso e 2 meses de estágio já fui contratado antes mesmo da colação de grau.
Eu já estava trabalhando antes da conclusão do curso na área do curso.
Com o último semestre do curso era estágio, facilitou a entrada no mercado de trabalho. A mesma empresa que me contratou como estagiária, posteriormente me contratou como engenheira aprendiz.
Continuei na empresa da família onde já estagiava.*

Discurso referente à resposta outra situação

*Ainda não estou procurando emprego na área de formação, pois estou trabalhando no empreendimento de minha família.
Estou estudando para concursos sendo que já passei em um e estou esperando me chamarem.*

Gráfico 11: Tempo decorrido entre a conclusão do Curso de Graduação e o primeiro emprego ou atuação como autônomo na área de formação dos egressos em valores percentuais.



Fonte: CPA/UEPG

2.4 Qualificação Pós-Graduação

O perfil voltado à imediata atuação na prática profissional atualmente observado nos egressos do curso de Engenharia Civil da UEPG faz com que a procura pela pós-graduação se concentre em especializações que auxiliem diretamente nas atividades cotidianas de trabalho, com poucas ocorrências de mestrados e/ou doutorados.

Com a gradativa qualificação acadêmica do corpo docente, com as aposentadorias de alguns dos docentes atuantes desde o início do curso, que têm a característica prática atualmente prevalecente, e a conseqüente contratação de professores já pós-graduados, o perfil do egresso tende a se modificar, com maior envolvimento em iniciação científica e adesão à continuidade de estudos após a formatura.

2.4.1 Especialização

Dos 68 respondentes a essa questão, 36 não realizaram nem realizam especialização. As demais respostas são:

*Gerenciamento de obras - UTFPR - início março de 2008, conclusão maio 2009.
Realizo pós-graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho.*

Engenharia de Segurança no Trabalho (em andamento) na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área Tecnológica e de Ciências Agrárias com início em fevereiro de 2011 e término em maio de 2012.

Realizo, UEPG Especialização em Engenharia de Segurança no Trabalho, início em março 2011 e término em dezembro 2011.

Estou cursando MBA em Gestão Estratégica e Econômica de Projetos na Fundação Getúlio Vargas, iniciei em agosto de 2010 é o término previsto é para março de 2012.

Patologias em Obras Civis - UTP - Início 2006, término 2007.

Engenharia de Segurança do Trabalho. UTFPR Campus Ponta Grossa. Início em 2008 e término em 2009.

Sim, Gerenciamento de Projetos pela FGV, em curso.

Estruturas Metálicas - Projeto, Fabricação e Inspeção - UNOCHAPECÓ - Estruturas - abril 2009 / abril 2011;

Engenharia de Estruturas - SOCIESC - ESTRUTURAS - abril 2011 / abril 2013

Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho na UTFPR, campus de Ponta Grossa, com término em dezembro de 2009.

Especialização em Construção de Obras Públicas, Universidade Federal do Paraná. Construção Civil - Início: outubro de 2008 e término em dezembro de 2010. Título: IV Especialização em Patologia das Construções.

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR Campus Curitiba. Área: Construção Civil - Engenharia Civil. Início: março de 2011. Término: Maio de 2012.

Pós-Graduação em Gerenciamento de Empreendimentos da Construção Civil no Mackenzie. Início em fevereiro de 2011, conclusão em dezembro de 2012.

Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho – UEPG. Início: fevereiro de 2008. Término: junho de 2009.

MBA - Administração de Projetos (PMI/PMBOK) pela Uninter - IBPEX, início em maio de 2007 e conclusão em setembro de 2008; MBA - Gestão da Qualidade em Processos e Produtos pela PUC - PR, início em abril de 2010 e conclusão em junho de 2011; MBA - Engenharia de Produção pela PUC - PR, início em abril de 2011 e previsão de conclusão para abril de 2012.

Curso: Especialização em Gestão e Engenharia de Rodovias. Área: Engenharia Rodoviária. Início: Setembro de 2010. Término: Dezembro em 2011.

Especialização em Gerenciamento de Obras, UTFPR, Início março de 2010 e término julho de 2011.

Cursando MBA Gestão de Obras e Edificações, 2011/2012. SENAI SENAI.

Gerenciamento e Execução de Obras - Instituto IDD - Curitiba; Área: Construção Civil. Início: março de 2010 - Término: dezembro de 2011.

Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho com término em setembro de 2011.

Gestão de obras com ênfase em edificações, SENAI Florianópolis, Planejamento e gerenciamento, maio de 2009 – junho de 2011.

Especialista em Gestão de Obras com Ênfase em Edificações.

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, SENAI/SC – Florianópolis.

Curso Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão de Obras, com Ênfase em Edificações Senai Cietep & Faculdade Tecnologia do Senai Florianópolis. Início em maio de 2009. Término em maio de 2011.

Curso: Master em Arquitetura. Instituição: IPOG. Início: janeiro de 2010, Término: setembro de 2011.

Especialização em Engenharia Ferroviária, ministrado pelo Cepefer (Centro de Estudos e Pesquisas Ferroviárias), setor ferroviário, início em janeiro de 2011 e término em fevereiro de 2012.

Especialização Instituto IDD - Curitiba/PR, Gerenciamento e Execução de obra, Março 2011 - Dezembro 2012.

Sim, concluí um curso de especialização, porém o cursei antes da última formação que recebi pela UEPG.

Curso: Especialização em Gestão Industrial - Produção e Manutenção, UTFPR, início em 2004 e término em 2005.

Especialização em Engenharia Ferroviária ofertada pelo Centro de Ensino e Pesquisas Ferroviárias e pela Universidade Positivo, iniciado em janeiro de 2011 e com data de término previsto para fevereiro de 2012.

Gestão de Projetos em Engenharia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, área de gerenciamento de projetos, início em março de 2011, término em setembro de 2012.

Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho na UEPG, início em março de 2010 (logo após o término da graduação) e encerramento previsto para maio de 2012.

2.4.2 Mestrado

Dos 59 respondentes a essa questão, 54 não realizaram nem realizam mestrado. As demais respostas são:

Mestre - UFPR - Construção Civil – fevereiro de 2007 - abril de 2009.

Título: Mestrado em Engenharia de Estruturas.

Instituição: Escola de Engenharia de São Carlos - Universidade de São Paulo/EESC-USP. Área: Estruturas - Engenharia Civil. Início: março de 2008.

Término: Março de 2010.

Realizando curso de mestrado em Materiais de Construção na UFPR com início em 2011 e término em 2013.

Mestre em Ciências - Engenharia Hidráulica e Saneamento - Universidade de São Paulo - Escola de Engenharia de São Carlos. Início e março de 2011 - Término em março de 2013.

Conseguí entrar no curso de mestrado da UFPR, na área de Gerenciamento. Entretanto, devido alguns problemas na empresa que estou atualmente trabalhando, não pude começar esse ano, e fui obrigado a deixar para 2012.

Como compensação, ganhei um curso de 'aperfeiçoamento profissional em topografia' na UTP, que termina em agosto de 2011.

2.4.3 Doutorado

Dos 55 respondentes a essa questão, nenhum cursou ou cursa doutorado.

3 Considerações Finais

3.1 Colegiado de Curso

Como a avaliação abrangeu egressos desde 2006, muitas das observações e solicitações já têm sido atendidas pela implantação do atual currículo (7) a partir de 2005, que contemplou algumas organizações de disciplinas e a existência das diversificações.

Observa-se que muitas carências do Curso apontadas por esta avaliação coincidem com aquelas levantadas na recente avaliação de cursos implementada em 2009.

Desta forma, o Colegiado de Curso já tem tomado providências para sanar esses problemas que, em geral, giraram em torno de abordagens práticas, incremento de ofertas de disciplinas de diversificação e aprofundamento e melhor utilização dos recursos didáticos recentemente instalados nas salas de aula.

A partir de 2012 deverá ser proposta uma alteração no Projeto Didático Pedagógico do Curso de Engenharia Civil da UEPG.

Tal alteração será baseada em reflexões e discussões em reuniões que vem sendo realizadas com os professores que representam o Colegiado de Curso a partir dos resultados obtidos nas recentes avaliações e observações feitas durante o processo de Acreditação do Curso perante o Sistema ARCU-SUL, além das necessidades originadas pela implantação da Resolução 1.010 do CONFEA, que dispõe sobre a concessão de atribuições profissionais aos engenheiros baseada nos conteúdos cursados.

Ressalta-se, entretanto que, em que pesem críticas a pontos que efetivamente merecem interferências para melhorias, o resultado de todos os recentes processos avaliativos apontam para a boa qualidade do Curso atingindo os objetivos do Projeto Didático Pedagógico, inserindo no mercado de trabalho profissionais competentes e de sucesso.

3.2 Comissão Própria de Avaliação

Sendo inerente às instituições de ensino superior a formação de indivíduos éticos, críticos e criativos, e aptos para o exercício profissional, a promoção do diálogo permanente com os egressos de seus cursos torna-se essencial para que a ela retornem informações sobre a qualidade da formação recebida, tanto curricular quanto ética, a inserção no mercado de trabalho, a satisfação profissional, a relação entre a ocupação e a formação profissional, além da continuidade da formação em cursos de atualização e de pós-graduação.

Dentre as diferentes possibilidades de avaliação institucional registra-se a de averiguar a opinião dos egressos dos cursos de graduação, quando já exercendo atividades profissionais, pois ela é uma das dimensões proposta pelo SINAES (9ª Dimensão).

O *feedback* dos egressos em relação ao ensino ofertado pela instituição é necessário para a proposição das mudanças nos currículos, nos processos de ensino-aprendizagem, na gestão universitária e para averiguar a trajetória profissional e acadêmica após a conclusão do curso. Nesse sentido, o egresso do curso de graduação pode constituir-se como um indicador de avaliação institucional e uma referência para avaliação da qualidade acadêmica da instituição formadora.

O processo de avaliação de egressos desencadeado na UEPG pautou-se nesses princípios, ou seja, considerou que a realidade profissional vivenciada pelos ex-alunos constitui-se como um indicador substantivo da qualidade acadêmica, evidenciando as potencialidades e fragilidades do currículo desenvolvido no processo de formação.

O desafio de construí-lo numa perspectiva crítica apontou que, para além de uma fundamentação teórica de avaliação institucional foi necessário desenvolvê-la numa postura dialógica e democrática considerando os múltiplos fatores que a interseccionam: socioculturais, científicos e pedagógicos.

Os resultados obtidos na avaliação de egressos dos cursos de graduação da UEPG podem contribuir para avanços reais, se os gestores acadêmicos consideram a riqueza de informações, significados e perspectivas desveladas pelos ex-alunos.

3.2.1 Parecer da Comissão Própria de Avaliação

A avaliação de currículo se constitui em uma das dimensões mais importantes da avaliação institucional, uma vez que a missão, a filosofia, as expectativas das instituições de ensino superior se efetivam ou não na atividade fim da educação que se dá na sala de aula, entre professores e alunos.

A avaliação de currículo possibilita o conhecimento de questões relativas ao desempenho de professores, as condições do ambiente físico, da infraestrutura, da tecnologia, entre outras que estão imbricadas ao desenvolvimento curricular. Elementos que não podem e não devem ser ignorados na busca da compreensão das situações em pauta na avaliação do currículo.

É essa riqueza e complexidade dos processos avaliativos que oportunizam a aprendizagem do diálogo, da ação, da reflexão sobre as ocorrências vividas movimentando a prática e construindo pressupostos teóricos de ação (CAPPELLETTI, 2010).

É nessa perspectiva que as experiências de avaliação vivenciadas pelos colegiados de curso têm oportunizado vivências de situações pelos seus membros que desafiam e que, em determinados momentos, faz-se necessário recuar para poder avançar, conceder para poder ganhar, ouvir muito para poder serem escutados, enfim desenvolver habilidades de negociação. Tudo isso porque nem sempre avaliamos cursos em que os participantes possuem uma mesma concepção de mundo, de educação, de avaliação, o que cria um confronto de natureza teórica, com a qual temos que saber lidar, buscando caminhos alternativos que viabilizem as reformulações curriculares e a implantação/implementação dos projetos pedagógicos dos cursos - PPCs, tendo em vista a superação das dificuldades e dos problemas encontrados.

Na leitura e análise do presente relatório observa-se:

- A positividade das respostas dadas pelos sujeitos (egressos) às questões da avaliação referentes à expectativa em relação ao curso que foram atendidas (61,33%); à aplicabilidade da formação recebida na vida profissional.
- O comprometimento do Colegiado de Curso na leitura dos dados obtidos pontuando a diversidade de elementos citados pelos respondentes.

- A importância que o Colegiado proponha discussões e questionamentos no âmbito do curso a que venham problematizar os dados levantados na avaliação, principalmente aqueles relativos aos egressos que declararam ter suas expectativas iniciais em relação do curso parcialmente atendidas (21,33%); aos (17%) que consideraram regular a aplicabilidade da formação recebida na vida profissional; aos (24%) e (9,33%) que consideraram a como principal dificuldade enfrentada no mercado de trabalho a relação teoria-prática e a defasagem teórico-metodológica do currículo do curso respectivamente. A preocupação do Colegiado em relação a organização didático-pedagógica do curso. Para tanto, foi feita a instalação de equipamentos multimídia nas salas de aula, o que contribuiu, conforme consta no relatório, para que os professores atualizassem seus métodos didáticos na abordagem das disciplinas.

Sugere-se que os dados da avaliação de egressos sejam analisados e confrontados, além dos dados da Autoavaliação de Cursos, realizada em 2009, conforme já mencionado no relatório do Colegiado de Curso, com a avaliação do curso realizada pelo SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior) por meio do Enade.

4 Referências

Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Civil da UEPG.

